

Rosane da Silva Gomes

Colégio Pedro II- Rio de Janeiro e Faculdade de Letras da UFMG

MEMÓRIAS INFANTIS SOBRE ANIMAIS: DIÁLOGOS ENTRE AS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR E SYLVIA ORTHOFF

Estávamos no início das aulas do ano letivo. As crianças, sentadas em círculo no chão, ouviam atentamente as histórias contadas, sobre animais. Todos muito atentos, alguns se deitavam no chão para melhor “curtir” a contação.

As narrativas de Sylvia provocavam muitos risos e alguns pediam para que se contasse novamente a “Rã Aurora”. Já as narrativas de Clarice deixavam nas crianças uma certa comoção, e por vezes, elas sentiam incômodos porque a história principal jamais iniciava, parecia que ela sempre “enrolava” para escrever. Porém elas expressavam sempre o prazer por estar naqueles momentos nas aulas de Literatura, escutando as histórias e conversando posteriormente sobre as narrativas.

Este era o ambiente vivenciado nesta experiência que passo a expor, as aulas de Literatura com as turmas de 4º ano, do Colégio Pedro II, Unidade Tijuca I. Mais que uma experiência significativa, o trabalho desenvolvido pela equipe de literatura procura estabelecer um diálogo contínuo com as obras literárias, em um processo estético de aquisição do conhecimento.

Cremos que o contato com a literatura propicia a elaboração de um pensamento calcado nas sensações e nas experimentações, importando a fruição do texto, mas também a formulação de uma educação voltada para a arte, produzindo um conhecimento estético, importante para a formação do indivíduo.

O que se pretende nesta proposta é uma inversão do que geralmente se faz com os livros de literatura; em vez de se pedagogizar a literatura, fazendo com que sirva de apoio ou caminho para a formulação de questões alheias à ela, propomos que haja uma “literalização da pedagogia”, fazendo com que o conhecimento literário tenha um fim em si mesmo.

O ser humano busca na arte, todos os sentidos que preenchem os espaços deixados pelo que é imprevisível, mágico e da ordem da invenção. A literatura, como arte da palavra, oferece ao leitor a possibilidade de criar o conhecimento, expandir o conhecimento no limite da imaginação. Por intermédio das conexões singulares entre as palavras, o texto literário se delineia de forma a provocar no leitor uma participação ativa para preenchimento dos sentidos, através da emoção. Assim, as estratégias textuais como o jogo das palavras, os vazios, as segmentações, as associações, as metáforas, os neologismos abrem as possibilidades variadas para a descoberta da obra literária. A seu modo, o leitor participa da leitura literária, a partir de suas possibilidades, potencialidades e desejos.

AS NARRATIVAS DE CLARICE LISPECTOR E SYLVIA ORTHOF: MEMÓRIAS DE BICHOS

No início do programa de literatura do 4º ano, trabalhamos com as narrativas que falam sobre animais e sua relação com a infância. Damos então destaque às obras de Clarice Lispector e Sylvia Orthof, que contam sobre suas experiências com animais.

A literatura de Clarice Lispector para crianças, com sensibilidade muito peculiar de quem conta uma história bastante pessoal e íntima, cria um clima de aproximação com o leitor, como se a cada vez que as páginas do livro fossem abertas, as crianças leitoras se sentissem como que entrando na sala de visitas da casa da autora e fossem ouvir uma história bem criativa. Como se a história fosse contada por alguém bem próximo e bem querido. Isto está bem evidente na hora em que a narradora, em “A mulher que matou os peixes”

diz:

Sabem de uma coisa? Resolvi agora mesmo convidar meninos e meninas para me visitarem em casa. Vou ficar tão feliz que darei a cada criança uma fatia de bolo , uma bebida bem gostosa, e um beijo na testa.

Esta atmosfera de intimidade, própria para ganhar confiança vem do modo como ela “conversa” com a criança por meio da história. Em “A Mulher que Matou os Peixes”, logo de início a narradora fala num tom bastante delicado e confidencial:

Antes de começar, quero que vocês saibam que meu nome é Clarice. E vocês, como se chamam? Digam baixinho o nome de vocês e meu coração vai ouvir.

E esse recurso se repete em várias de suas obras. As digressões ou os diálogos da narradora com o leitor predominam em relação às ações da própria narrativa. Por esta razão é que as crianças identificam o estilo de Clarice como aquele que “ enrola muito antes de contar a história”.

Clarice Lispector sabia escrever para este público infantil chegar sua escrita até o modo de falar próprio da criança e com ela estabelecer um vínculo especial. O leitor não se sente ‘sozinho’ ao ler a história – na verdade, a impressão de que a narradora é uma companhia muito presente, pois o texto propicia tal intimidade. Por isso, a narração começa aos poucos, sempre tecendo considerações ao longo dela até que o leitor se veja completamente envolvido.

Numa linguagem simples e recheada por onomatopéias, metáforas, aliterações e outros recursos de linguagem, suas histórias procuram estratégias para uma profunda identificação com a criança. Ulisses de “Quase de Verdade” é o cachorro que faz o trabalho de Clarice ao contar a história, ou melhor, de ser o narrador. Este é o único livro infantil de Clarice Lispector – entre os outros quatro livros que fez – que não é narrado em

primeira pessoa o tempo todo. Têm um narrador protagonista que conta os fatos através das memórias de suas experiências.

As passagens são entendidas e interpretadas pelas crianças pois são narrativas simples e que mesmo tendo alguma ação, há uma incursão também nos “aspectos psicológicos” das personagens. Na história verificamos a preocupação com os sentimentos e os desejos das personagens, e não só com o fluir da ação da narrativa.

Em *Quase de Verdade*, Clarice Lispector usa técnicas um pouco diferentes das outras histórias que escreveu. Quem é o narrador onisciente é o cachorro Ulisses. A história muda de foco algumas vezes. Logo no início está a narrativa em primeira pessoa com Ulisses se apresentando e depois parando de falar sobre si mesmo e passando a narrar uma história “quase de mentira, quase de verdade” sobre nuvens (Oxélia e Oxalá), galinhas e galos (Odissea e Ovídio), pessoas (Oníria e Onofre) que fazem parte de um ambiente ao lado de sua casa – um quintal.

As onomatopéias também são um fator muito importante nesta obra. A narrativa é interrompida várias vezes pelos latidos e os piados dos pássaros. Os “au- au- au” de Ulisses, assim como os “pirilin- pin- pin, pirilin- pin- pin, pirilin- pin- pin” dos pássaros aparecem inseridos em meio à história o tempo todo até que passam despercebidos depois de um tempo como quando realmente ouve-se um barulho por muito tempo.

Esses recursos utilizados por Clarice leva o leitor infantil a mergulhar no tempo da narrativa e participar ativamente de toda a história. O que parece de mentira acaba sendo de verdade e o limite traçado pelo mundo ficcional e o real se torna bastante tênue. Durante a leitura de *Quase de Verdade* algumas vezes as crianças interromperam a história para indagar se aquele fato teria mesmo acontecido na vida de Clarice.

A literatura possibilita à criança viver num mundo recria por ela, estimulando a imaginação inventiva das crianças. Em

determinada passagem dessa obra, o cachorro Ulisses declara que irá contar uma história que quase parece de mentira e que parece de verdade, e explica a seguir que “só é verdade no mundo de quem gosta de inventar...”. Nesta passagem podemos detectar a aproximação não só com relação à linguagem, mas também ao pensamento infantil, que traz em sua essência a inventividade. A autora, parecendo entender bem essa particularidade da mente infantil, infinitamente criativa, é capaz de fazer deste detalhe um elemento de maior aproximação, cumplicidade e identificação por parte da criança.

Sylvia é dona de uma vasta literatura e o conjunto de sua obra é recheado de humor que dificilmente será substituído. Tinha plena consciência de sua maneira especial de dirigir o olhar do leitor para a poesia que brota das coisas mais simples, e encaminhá-la até os escondidos e escuros da alma. Sua poesia no fazer literário ganhava uma densidade com as voltas que dava do tempo, retornando deliciosamente à infância.

Ressaltamos em sua produção a linguagem lúdica, irreverente e potencialmente ambígua em que a escritora marca sua escritura, utilizando instrumentos lingüísticos da comicidade, como os trocadilhos, os paradoxos, as tiradas, a repetição e a ironia.

O livro que lemos e que as crianças representaram em aula os seus contos foi *Os bichos que tive: memórias zoológicas*. Memórias escritas com humor, numa linguagem fluente e cativante! A narradora é a própria Sylvia, que rememora todas as suas vivências com bichos e vai contando histórias. Podemos considerá-lo um livro de contos pois cada bicho dá origem a uma narrativa diferente. As memórias estão organizadas em seqüência cronológica: suas lembranças de menina, de mãe, de avó. Então temos um álbum de recordações, que vão desde a primeira – uma rã de estimação, de nome Santa Aurora – passando pelo coelho que atrapalha um jantar de família, atacando todas as saladas que estavam em cima da mesa, prato único a ser servido; um bicho de pé de estimação, de nome Fernão Dias Paes; um elefante com prisão

de ventre, que pertencia ao Palhaço Farofa, do circo que se instala nas proximidades da casa da narradora; um cachorro basset, que causa, com seu nome Sua Avó, uma série de confusões; um bicho papão alimentado e criado na imaginação, e por fim o mais livre de todos os bichos, o bicho carpinteiro.

No meio deste contexto memorialístico de seu contato com os animais a autora acaba por também fazer uma crítica do mundo, veiculada por sua voz ou de algum personagem. Assim reverte, usando a lógica infantil, o pensamento adulto. Coloca em foco a inteligência de alguns bichos, superior à dos adultos; discute algumas prerrogativas, como, por exemplo, o fato de que criança não gosta de sentir medo. Da mesma forma, transfere para os animais os sentimentos próprios dos humanos, para então poder reinventar uma outra maneira de entender os problemas pelos quais todos nós passamos – o abandono, a incompreensão, a indecisão, a falta de diálogo.

No fim, acaba por reforçar que, mesmo no mundo animal, os bichos têm jeitos diferentes, como as pessoas. E deixa nas entrelinhas a reflexão de que a convivência sem discriminações é que nos faz aprender a viver com a diferença de pensamentos, tudo descrito de uma maneira bem animada e criativa.

O livro foi um dos mais premiados da autora. Ganhou prêmio da APCA e da FNLIJ, como o melhor livro infantil do ano e o melhor para a criança, respectivamente, no ano de 1983.

Nesta obra de Sylvia Orthof, destacamos a insistência com que a escritora se utiliza de recursos desencadeadores do riso para recriar situações inusitadas e absurdas que não só divertem o leitor mas também o levam a refletir sobre a realidade que o circunda. O livro passa a fazer parte da memória de muitos outros leitores e então, pode ser recriado a cada vez que for recontado ou apresentado.

É assim que o livro *Os bichos que tive: memórias zoológicas* criou uma atmosfera de divertimento, em um jogo que a apresentação dos contos foi a parte mais interessante do

processo. Com o auxílio de fantoches ou de roupas que eles vestiam, as crianças apresentaram em grupos cada uma das partes do livro de Sylvia, que rendeu muitas gargalhadas e também uma bela encenação, repleta de elementos criativos. Ao final de cada apresentação, a turma avaliava a atuação dos colegas, ressaltando os pontos positivos e apontando aqueles que poderiam ser modificados.

Na etapa seguinte, elas puderam criar as suas próprias memórias de bichos, contando as histórias dos animais que tiveram, que têm ou que gostariam de ter. Passo, a seguir, a registrar alguns fragmentos destes textos, para revelar um pouquinho da produção escrita dos alunos.

A minha história é de mentira, porque eu nunca tive nenhum bicho. Agora vamos escrever a história...

Débora, turma 401

Eu tenho uma gata chamada Cleópatra. Eu a adotei quando tinha apenas 3 meses. Essa gata adora brincar com o ratinho de brinquedo dela, ela destrói sempre, mas não faz mal.

Melissa, turma 401

Kico era apenas um ovinho então sua mãe o chocou e ele nasceu. Nessa época, eu nem conhecia ele. Um dia, eu fui com minha família para a casa da minha vó e do meu vô. Minha vó tinha comprado umas galinhas e elas tiveram crias e dessas galinhas nasceu o Kiko.

Marcela, turma 401

Sabe por que é meu ex-passarinho? Porque ele morreu, esse passarinho resistiu a muitos ataques, era muito forte, ele era laranja e muito bonito. Mas o passarinho morreu... sabe de quê? Não foi de ataque de gavião, não, é de coração. Isso mesmo! O bichinho enfartou.

Robson, turma 401

*Eu tenho um dragão
Chamado Furacão.*

*Quando ele passa
Parece um trovão
Destrói tudo
Que nem um furacão.*

*Quando ele dorme
Parece um anjinho
Porque dormindo
Fica bem quietinho
Ai, que bonitinho!*

Luísa, 403

Ao trabalharmos com as histórias de Clarice e Sylvia nas aulas de literatura, podemos verificar o quanto a narrativa literária é importante para estimular a inventividade e proporcionar para a criança, os subsídios necessários para a construção de uma aprendizagem estética. Sabemos o quanto que as histórias permitem o exercício constante da imaginação, o voo para um mundo onde, pelo prazer poético, as crianças podem cumprir a tarefa de conhecerem a realidade que as cercam e também se auto-conhecerem.

Assim a literatura, como uma forma de arte, pode estabelecer uma ponte entre a imaginação e a realidade apreendida pela criança, gerando um conhecimento especificamente estético.

BIBLIOGRAFIA:

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

KOHAN, Walter Omar. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: *Lugares da Infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil e Juvenil: História e Histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A Mulher que Matou os Peixes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.

_____. *Quase de Verdade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

MÈLICH, Joan-Carles. A palavra múltipla: por uma educação (po)ética. In: LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos (org.). *Habitantes de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORTHOF, Sylvia. *Os bichos que tive: Memórias Zoológicas*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

ZAMBRANO, Maria. *Filosofia y poesia*. Madrid: FCE, 1993.

